



TRIBUNA Livre

26
JANEIRO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIR. PAULO BARBOSA DE MACEDO

COLAB. ANTONIO JOSÉ DA COSTA

COLAB. JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOS. Impressão e Redacção: LARGO DE GILVEIRA SALAZAR TEL. 62113 AMARES

A Póvoa de Lanhoso, graças ao dinamismo do seu presidente da Câmara, atravessa uma era de progresso

Quem tiver assistido à série de inaugurações feitas na passada quinta-feira, na vila da Póvoa de Lanhoso, fica com a certeza que aquele concelho, por força da actividade constante do rev.º José António Dias, presidente da Câmara Municipal, há largos anos, atravessa um período de grandes realizações.

Não se tratou de uma ou

outra inauguração de carácter esporádico com fins publicitários, mas sim de um número de obras de que o concelho é beneficiado e que valem cêrca de 3.500 contos.

Estradas municipais, seis edifícios escolares, novas obras do Hospital, um bloco operatório, casas dos magistrados, etc..

Além disto um cortejo de ofertas a favor do Hospital

marcou mais uma jornada de caridade e vitalidade a demonstrar que o concelho segue com carinho a política realizadora de um homem que se não poupa a esforços e a canseiras para servir o concelho a que tem dedicado o melhor do seu esforço.

Só as casas para os magistrados custaram além dos novecentos contos, contando 280 contos só para a mobília o que nos dá uma ideia da grandiosidade das mesmas.

O Hospital recebeu materiais que valem 400 contos e o seu imobiliário foi mais uma vez enriquecido com obras de vulto.

As estradas municipais e as escolas completam este quadro honroso que ficará a atestar a actividade construtiva de um homem que é simultaneamente político de prestígio e um realizador de mérito.

Quando os homens trabalham é assim que respondem à sua obrigação de trabalhar para a grei, e esta resposta é bem mais peremptória e eficaz de quantos discursos que possam ser proferidos por mais eloquência que os rodeie.

O banquete realizado para encerrar os festejos deu-nos uma prova segura do prestígio que rodeia o homem e o político.

Atentos ao progresso dos outros concelhos já que aos do nosso não assistimos por não existirem, daqui saudamos, neste momento de euforia, a vila da Póvoa de Lanhoso.

Cooperação

Esta revista continua a ser publicada com assinalado êxito, tornando-se as suas variadas e oportunas secções cada vez mais interessantes à informação e divulgação técnica.

É uma revista que se aconselha à indústria, ao comércio, à agricultura e seus organismos representativos.

Trata-se de uma revista nova, mas de grande interesse e utilidade, que se está firmando, número após número, pelo elevado nível dos seus colaboradores e pela feliz escolha dos seus temas.

Vila Verde vai homenagear, condignamente, o seu ilustre presidente da Câmara

Sem espaventos, sem exteriorizações superfluas ou vaidades mesquinhas, o dr. António dos Santos Ferreira vem realizando uma obra digna e eficiente.

O concelho é grande mas os rendimentos da sua Câmara pequenos, o que não permite obras de grande projecção e dispêndio, contudo, e não obstante isso o concelho de Vila Verde tem progredido apresentando-nos uma série de realizações que muito honram o seu presidente do Município e muito servem os seus municípios.

Atento a todas as necessidades, pronto a atender na maneira do possível, a sua acção rodeia-se de simpatia e carinho e espelha em sua volta um sem número de sólidas e francas amizades.

Reconduzido nas altas funções de presidente da Câmara por diploma recente, algumas das pessoas mais representativas formaram uma comissão para homenagear o integro magistrado que ao seu concelho tem dado muito do seu esforço e da sua atenção.

O concelho vive em completa harmonia, votado ao respectivo progresso. Muito extenso e a bem dizer sem indústrias, Vila Verde tem encargos pesadíssimos. A conservação das estradas e caminhos municipais, absorve, só por si, a parte mais importante das receitas camarárias. Todavia, com a

(Continua da 4.ª página)

Instalações Sonoras

Pelo facto das instalações sonoras do F. C. de Amares terem mudado de administração, caso delas necessite dirija-se ao encarregado da Sonap.

Ares de Paradela do Rio

Do velho Mosteiro de Pitões—anterior a 889

II

Damos notícia, em outra local, de que o Mosteiro de Lunhas, hoje conhecido por Mosteiro de Pitões, estivera unido com o de S.ª Maria de Osseira. É sobre este que vamos agora falar, embora o assunto continue a prender-se com o de Lunhas e a demonstrar que era pertença dos Beneditinos.

Fundou-se o Mosteiro de Osseira no tempo do Rei Afonso VII da Galiza, no Bispado de Orense (Ourense), junto a um rio chamado Ursária—que significa «terra de ursos». Parece que naquele sítio deserto, fragoso e solitário, esses animais faziam vivenda habitual. Isto mesmo se infere da Doação daquele Rei-Imperador e das Armas do Mosteiro, pois a referida Doação reza assim: —«Ego Alphonsus, ... facimus chartam donationis de haereditate nostra et monte in quo nunc contruitur Monasterium in quo servetur Regula S. Benedicti, juxta fluvium, cui nomen est Ursaria». E as Armas do Mosteiro eram um pinheiro e um urso ao pé de

le, com as mãos levantadas e filadas ao tronco daquela árvore, e com a seguinte legenda:

«Pinus, atque ursus, capit unde Ursaria nomen, Signant has aedas, monte fuisse sitas»

Este Mosteiro de Osseira foi fundado para monges negros. Mais tarde, porém, incorporou-se na Congregação Cisterciense «por ordem e indús-

(Continua na 4.ª página)

Da Administração

Aos poucos assinantes que ainda não pagaram a sua assinatura referente ao ano de 1956, a Administração muito agradece o favor de o fazerem o mais rápido possível, evitando, assim, que lhe seja cortado o nosso jornal.

Dentro em breve, enviaremos, à cobrança, os recibos referentes ao 1.º semestre do ano em curso, pelo que pedimos aos nossos estimados assinantes o melhor acolhimento.

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

• • •

Já de regresso a Braga, o arcebispo D. Lourenço, que em Aljubarrota, levantando a cruz e a espada, exortara nos Portugueses a certeza da vitória, em carta de 26 desse mesmo Agosto de 1385, para D. João Dornelas, abade de Alcobaça, regista a presença naquela cidade, de Mem Rodrigues de Vasconcelos, disposto a voltar a Lisboa com outros cavaleiros, a «empecer» aos castelãos da frota.

Aí refere o mesmo dom abade a notícia que havia recebido de que o rei de Castela, entre a vergonha e o desespero da derrota, a si próprio arrepelara as barbas; e acrescenta *ca homem que as suas barbas arrepela, mor sabor faria das alheias.*

* * *

Dos descendentes dos ricos-homens que conquistaram os graus da cavalaria e as esporas de ouro em Ourique e Val-de-Vez, muito poucos vieram encontrar-se em Aljubarrota.

Da nobreza nacional, o seu mais graduado representante, João Afonso Telo, tio de Leonor Teles, conde de Barcelos, este «mordeu aí o po» a combater por Castela; o condado passou para o Condestável.

Em Aljubarrota criou-se uma nova fidalguia que se multiplicou através das Conquistas africanas; dos Descobrimentos saíram depois os Gamás e os Cabrais, mas os de Vasconcelos são de todos os tempos e lugares; estiveram sempre na brecha e nas maiores crises.

Mem Rodrigues e Rui Mendes de Vasconcelos eram tão valentes, que o duque de Lencastre, sogro de D. João I, chegou a dizer que se o rei de Castela quisesse resolver o pleito que com ele tinha, das pretensões pela infanta sua mulher àquela coroa, em dois cavaleiros que se batessem, ele escolhia um destes irmãos para desafiar o castelhanao.

Depois de Aljubarrota, participaram em todas as campanhas guerreiras contra Castela.

Notando D. João I em seus companheiros, mesmo no próprio Condestável, certa má vontade que se precedesse ao assalto da cidade de Sória, por falta de apetrechos de guerra não se conteve que o não fizesse sentir:

«Gran mingua nos fizeram hoje este dia aqui os bons

(Continua na 6.ª página)

TRIBUNA AGRÍCOLA

Vinhos e as suas doenças

f Sendo o vinho o produto da fermentação do mosto de uvas, a sua qualidade depende não só da bondade das castas empregadas como também do cuidado e da higiene com que se conduziu a fermentação e do grau de desinfecção de todo o material com que se trabalhou e com o qual o mosto, e depois o vinho, contactou.

Porque nem sempre os bons preceitos de vinificação são observados, resulta que o vinho ou «nasce» doente ou com grande probabilidade de adoecer. Num ano como o que findou, em que o estado das uvas não era, dum modo geral, satisfatório, o risco dos vinhos adoecerem é muito grande e, daqui, o ter sido necessária mais que nunca uma técnica de vinificação cuidada, com os mostos perfeitamente desinfectados e as vasilhas devidamente tratadas.

Além disto impõe-se uma vigilância quase permanente aos vinhos que temos na adega, pois só assim estaremos em condições de «atalhar», com maior possibilidade de êxito, qualquer doença que apareça.

As doenças dos vinhos não são, como à primeira vista se pode supor, devidas exclusivamente a micróbios. Existem fermentos solúveis, e até acções químicas, que podem alterar profundamente um vinho. É necessário, pois, começar por se ter um conhecimento tão perfeito quanto possível das condições que tornam favoráveis a acção dos agentes das doenças dos vinhos. Como fundamentais poderemos enumerá-las do seguinte modo.

1—TEMPERATURA — A temperatura óptima de vinificação é de 25.° C. A esta temperatura, a fermentação do mosto dá-se nas melhores condições e o vinho resultante, além de possuir no melhor grau as qualidades organolépticas das castas que o originaram tem um poder de conservação bastante satisfatório.

Sabido que as temperaturas compreendidas entre os 15 e 40.° C. os agentes patogénicos do vinho têm o seu desenvolvimento, e que o seu óptimo corresponde a temperaturas vizinhas dos 4° C., fácil é deduzir que a conservação do vinho é tanto mais precária quanto mais próximas dos 40.° C. forem as temperaturas de vinificação e de conservação dos vinhos; o mesmo é dizer-se que uma temperatura de adega próxima daquela é má, pois o vinho está sempre sujeito a adoecer.

2—FALTA DE ACIDEZ—

Quando mais fraca for a acidez dum vinho (acidez fixa) tanto maior é o perigo que corre, pois a vitalidade dos agentes patogénicos do vinho está na razão inversa dessa acidez.

Por isso se impõe, por vezes, as correcções ácidas dos mostos.

3—FRACA PERCENTAGEM DE ALCOOL—Um vinho de baixa graduação alcoólica está mais sujeito a adoecer que o outro de maior graduação, porque a partir de certa percentagem de álcool este actua como desinfectante e, portanto, como agente conservador do vinho.

Num ano como o que acabou, em que as graduações atingidas pelos vinhos são, dum modo geral, bastante baixas, dada a fraca percentagem de açúcar criada pelas uvas, é de temer que os vinhos se não «aguentem» em boas condições sem que sejam necessários cuidados especiais, mormente para aqueles em que o grau alcoólico é de veras muito baixo.

4—PRESENÇA DE AÇUCARES E ALBUMINÓIDES

—Nem sempre é possível, na vinificação, conseguir-se o desdobraimento completo do açúcar do mosto em álcool, de modo que o vinho resultante fica com uma quantidade de açúcar suficiente para ser pasto de maus micróbios; além disso, os substâncias albuminóides também são óptimo alimento para os maus fermentos. É necessário, pois conseguir-se o mais completamente possível o total desdobraimento do açúcar em

álcool e total eliminação das substâncias albuminóides, para não correremos risco de vermos os nossos vinhos a turvarem-se e a estragarem-se como tantas vezes acontece ainda, infelizmente.

Salvo o caso dos vinhos adamados, que para tal têm já uma preparação especial devemos conduzir as coisas de molde a que no vinho apenas fiquem os vestígios normais de açúcar e que todas as análises acusam. Para tanto, no caso dos mostos muito ricos em açúcar, consegue-se o fim em vista desdobraendo o mosto com água ou antecipando um pouco a vindima de molde a não permitir que as uvas atinjam um grau da maturação tão completo e, portanto, sem o máximo de açúcar que, provavelmente, atingiriam. No caso dos mostos normais em açúcar mas em que o desdobraimento se não faz completamente, o vulgar caso dos «mostos amuados», deve-se determinar a causa que originou o «amuo» e, determinada essa causa, corrigi-la.

Para a eliminação dos albuminóides ou se faz a correcção do tanino, se o vinho dela carecer (caso dos vinhos brancos feitos de bica aberta), ou se fazem tratamentos com argila, como por exemplo o barro espanhol.

Enumeradas e rapidamente explicadas as condições favoráveis ao aparecimento das doenças nos vinhos, reservamos para futuras conversas como reconhecer um vinho doente e quais as doenças que mais apoquentam os nossos vinhos.

De A. Oliveira e Pinto

Eng. agr.

Posto Agrário de Braga

“Mela,, da Vinha

Novo método de combate

Nos ensaios que desde 1952 se vêm realizando neste Organismo têm-se mostrado eficazes, no combate ao Pseudococcus, as aplicações de Verão de insecticidas de Diazinon, Malathion e Parathion, com o combate simultâneo da formiga argentina pelo Chior-dane.

Estes ensaios, embora ainda não concluídos, permitem desde já aconselhar o tratamento que a seguir se indica.

Aplicação de insecticida Diazinon de 20% a 0,1% ou insecticida de Malathion d 50% a 0,2% em pulverização bem feita e o combate à formiga argentina por

insecticidas de Chior-dane de 73% a 2% nos pontos de passagem da formiga (base do troncos da videiras e tutores das vinhas até cerca de um metro do chão). Os insecticidas de Parathion são eficazes mas poderão ser substituídos com vantagem pelos insecticidas de Diazinon e Malathion, muito menos venenosos.

Chama-se a atenção de que os produtos de Diazinon e Malathion são, entre outros, os aconselhados para o combate à «traça da uva» podendo o seu emprego ser vantajoso, para extermínio simultâneo das duas pragas.

INIMIGOS DA OLIVEIRA

A «gafa», produzida pelo fungo «Gloeosporium olivarum» ataca as oliveiras na proximidade da maturação, normal e mais comumente nos meses de Outubro e Novembro.

As azeitonas apresentam então manchas deprimidas irregulares, de limite bem nítidos, que vão alastrando,

Doenças das plantas

Quantas vezes, para nosso mal, deparamos, nos nossos campos ou nos nossos pomares, com sintomas de doenças com visíveis ataques de deprimidos os mais diversos.

Quando tal suceda, não se lance em métodos de combate preconizados por um bem intencionado vizinho ou por uma tradição bolorenta. Recorra aos serviços oficiais, onde técnicos especializados estudarão o seu caso e lhe aconselharão os melhores métodos de combate à praga que o aflige. De tal consulta não advém quaisquer despesas, sendo suficiente levar ou enviar uma amostra do parasita e dos seus estragos.

Sobretudo não esqueça que a consulta deve ser feita antes que a praga alastre de forma inverificável. Um tratamento a tempo e horas valerá mais que rês feitos em condições deses-eradas...

Não caia no erro de supor que esta doença ou aquele parasita não têm importância. O que é hoje picada no fruto ou mancha na folha pode amanhã significar um pomar arruinado ou uma cultura perdida.

chegando a ocupar todo o fruto. Este amolece, enrugam e apodrece.

Outros fungos produzem sintomatologia idêntica, mas o «G. olivarum» é o mais comum entre nós.

Esta doença é mais frequente nos invernos muito chuvosos, podendo, nestes casos, propagar-se a uma velocidade assombrosa e com uma virulência devastadora.

Calcula-se que os seus estragos, num mau ano se cifram em cerca de 10.000 contos—no nosso território continental!

Não se conhecem meios curativos; preventivamente, as caldas a 1 por mil de sulfato de cobre parece terem certo efeito, sendo de preconizar nos olivais atreitos a tal moléstia.

A «cárie» é a doença mais vulgar dos olivais de todo o mundo.

Motivada basilarmente por cortes muito extensos e mais vulgar em oliveiras feitas de estaca alta ou tanchoeira é caracterizada pelo apodrecimento do lenho e pela formação (interna ou abrindo para o exterior) de cavernas mais ou menos volumosas.

«A «cárie» é originada por fungos (Sterium hirsutum, Fomes tulvus, etc.) e por bactérias, cujo ataque é propiciado por infiltrações de água no lenho.

As chagas devem limpar-se até ao são, cobrindo em seguida os tecidos com um «mastic» adequado (coalhar quente ou borra de gás).

A casca, na zona circundante, deve ser limpa e caida com leite de cal e sulfato de ferro.

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género.

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 2526

BRAGA

Companhia de Seguros “ATLAS,,

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

TRIBUNA do CONCELHO

Caldelas

Cortejo

Pela tarde da véspera anunciava o altifalante a conclusão do leilão dos produtos reunidos no passado dia de Reis. Depois das missas e devoção do dia 13 na igreja paroquial, por volta das 14 horas como fora anunciado, começa a movimentar-se o grande largo do Eirado e dentro em pouco, surge em grande animação o Grupo Unido, com mais de 50 pares em marchas ao ritmo de alegres cantares, a seguir, seis carros de boa madeira dos Srs. Domingos P. de Almeida e Adolfo de Barros; este que de longe deu ordem de se fazer representar. Entretanto começa o leilão sempre muito animado, tendo-se apurado juntamente com algumas esmolas avulsas cerca de 3.000\$00 esc.

De Caldelas

O tempo e a agricultura

CALDELAS, 16—Após uma prolongada estação de frio com temperaturas negativas, veio ultimamente a chuva que muito amaciou o tempo tornando-o mais propício às várias culturas agrícolas. Os pastos dos animais começam agora a aparecer e as águas a rebenatar, suavizando um pouco a crise que se debatia à muito. Nesta área há muito pouca azeitona estando alguns lajares de azeite fechados devido a ser o ano de contra-safra. A colheita e vinho verde foi menos um terço da colheita anterior, sendo de fraca graduação alcoólica e não se tem feito transações o que está a prejudicar a economia da lavoura. A colheita do milho foi muito abundante. Devido à pouca graduação alcoólica dos vinhos, os bagaços não produzem o que deviam, estando muitos lambiques fechados, sendo a colheita da aguardente muito reduzida. Grassa nesta área uma peste nas galinhas que está a extermar estas aves.

Melhoramentos em Caldelas e Sequeiros

A Junta de Turismo mandou empedrar o troço de estrada que da avenida dá acesso ao balneário e consta que dentro em breve outros melhoramentos de vulto serão executados.

—Na vizinha freguesia de Sequeiros, foi inaugurado um posto público telefónico, ficando instalado ao meio da freguesia.

As forças vivas daquela freguesia esperam em breve fazerem a instalação da luz eléctrica, fontanários, lavadouros, aumento da igreja e do cemitério, assim como há pouco restauraram a residência paroquial que ficou a ser uma das

Mais tarde aparece o Grupo Central trazendo à frente o seu lindo carro que transportava valiosa prenda para o bazar. Pela tarde, o Grupo Unidos da freguesia teve a gentileza de surpreender o distinto pároco, Sr. P. de João de Freitas, com uma oferta simbólica por neste mesmo dia 13 se passar o trigésimo sétimo aniversário da sua paroquialidade em Caldelas.

À frente do Grupo que entoava trovas adequadas, era conduzido um anho por crianças de 4 a 6 anos seguro por fitas brancas a simbolizar os selos apocalípticos, na expressão do Rv. mo pároco, ao agradecer sensibilizado perante numerosa multidão que ao concluir errompeu em grandiosas aclamações.

Assim terminou a *Heróica* festa das ofertas à igreja, levando a bom termo pelo zelo e prudência de querido pároco.

melhores do concelho.

Oxalá estes melhoramentos se executem brevemente, pois é uma freguesia progressiva e muito mais será se vier a ser instalada lá uma das barragens eléctricas, do rio Homem.

C.

Lago

Com 84 anos, faleceu a sr.^a Francisca Leopoldina Pereira (a Francisquinha da Carreira). Morreu em extrema necessidade, sendo aparentada com as famílias mais abastadas daqui, e possuidora de uma boa quinta...

... Quem dá antes que mórta.

—Chegará agora a vez de levar até às Escolas desta freguesia, a luz eléctrica?

Era bem necessário que assim acontecesse até porque na passagem da linha, há interessados em instalar em suascasas a ambicionada *eléctrica*. Como vissemos um destes dias, fazerem-se certas medições para servir de base a *mais* um orçamento, ficou-nos a impressão que, desta vez, sempre se irá ávante. Será?

—Foi batizada uma filhinha do sr. Manuel Cerdeira da Silva e sua esposa sra. Teresa Caldas a quem foi posto o nome de Beatriz.

Foram padrinhos o sr. António Ferreira e Arminda Caldas da Silva.

—Vimos aqui com pouca demora o distinto colaborador de "Tribuna Livre" sr. Domingos Maria da Silva.

—Também aqui vimos o sr. Alfredo Ribeiro Soares, comerciante em Manaus Brasil.

—Foi na passada segunda-feira, pelas 22 horas, daqui observada, na direcção Norte uma Aurora Boreal. O céu apresentava-se em grande extensão todo avermelhado. O fenómeno, por raro, foi muito comentado.

A. P.

Bouo (Santa Marta)

Por ter sido agredido a soco por Carlos da Costa, casado, jornalista, residente no lugar do Outeiro, apresentou queixa no Posto da G.N.R. deste concelho, João de Deus de Sousa, viúvo, jornalista, morador no lugar da Lama de Baivo, ambos desta freguesia.

Desta agressão, ficou bastante contuso no rosto o João de Deus, sendo a mesma praticada no lugar de Novaz, desta freguesia de Santa Marta de Bouro.

Lago

Queixou-se contra David da Silva, casado, industrial residente na Avenida Central, da cidade de Braga, Rosa Maria Alves Pereira, casada residente no lugar de Santa Marta, desta freguesia, acusando-o de ter permitido que dois seus animais de raça suína e aves domésticas lhe entrarem numa sua propriedade.

Averiguado o caso constatou-se que os animais não estavam na propriedade de Rosa Pereira, mas sim presos na residência da mesma, opinião unânime das testemunhas indicadas pela mesma, facto que se descobriu depois de o David haver propalado o desaparecimento dos referidos animais.

Visado pela censura

FESTAS E ROMARIAS

Amanhã, realiza-se na vizinha freguesia de Proselo a tradicional festa de Santo Amaro.

Será também inaugurada a electricidade naquela freguesia, fruto do cortejo de oferendas ultimamente feito e a que nos referimos.

Novos assinantes

Pelo nosso estimado assinante Sr. Francisco da Silva Miranda foi-nos indicado o Sr. José Rodrigues, natural da Freguesia de Besteiros e actualmente em Lisboa a exercer a profissão de tipógrafo, para novo assinante.

Pelo Sr. Manuel de Sepulveda Azevedo, nosso estimado assinante em Lisboa, foi-nos indicado para novo assinante o Sr. Cândido de Araújo, natural de Caldelas e actualmente em Lisboa.

Junto de nós esteve o Sr. João José Augusto de Almeida, a pedir a sua inscrição como novo assinante.

Esteve, também, junto de nós o Sr. José Augusto de Almeida a indicar-nos o Sr. Joaquim Ferreira Cordeiro, residente em S. Mamede, Matosinhos, para novo assinante.

A todos que nos indicaram novos assinantes, ficamos-lhe muito gratos.

NECROLOGIA

Falecimentos

Na freguesia de Bouro S.ta Maria a S.nra Laurinda da Conceição Fernandes, com 65 anos de idade, no passado dia 31 de Dezembro de 1956;

Na freguesia de Rendufe—A S.nra Maria Joaquina de Barros, com 77 anos de idade, no passado dia 5 do corrente; Maria Joaquina Silva, com 82 anos de idade, no passado dia 7 do corrente; A S.nra. Josefa Rita Veloso, com 91 anos de idade, no passado dia 8 do corrente; A S.nra. Teresa Antunes, com 83 anos no passado dia 15 do corrente;

Na freguesia do Bico—A S.nra. Josefa Rita da Silva, com 88 anos de idade, no passado dia 3 do corrente;

Na freguesia de Lago—A S.nra. Maria Alves, com 79 anos de idade, no passado dia 7 do corrente. A S.nra. Francisca Leopoldina Pereira, com 84 anos de idade, no passado dia 15 do corrente;

Na freguesia de Carrizado—A S.nra. Tereza da Silva com 78 anos de idade, no passado dia 7 do corrente e a S.nra. Maria Antunes Vieira, com 72 anos de idade, no passado dia 10 do corrente;

Na freguesia de Goães—O Sr. José Augusto Exposto, 76 anos de idade, no passado dia 15 do corrente.

Vida elegante

No passado dia 19 do corrente o Sr. Elisio António Gonçalves;

No passado dia 24 do corrente o Sr. António de Almeida.

Amanhã—O Sr. Narciso Augusto de Jesus Gonçalves.

Segunda-feira—A menina Maria Teresa de Jesus Gonçalves.

HUMORISMO

Recomendação

Entre as recomendações que uma senhora fizera à sua nova criada, vinda da provincia havia a de lhe trazer ao quarto, todas as noites, às 11 horas, um copo de leite.

Na primeira noite a criada trouxe o copo muito agarrado na mão.

—Não torne a fazer assim, Brígida, que não é bonito—ordenou a patroa—Traga-o sempre numa bandeja.

Na noite seguinte Brígida aparece no quarto, muito atrapalhada, trazendo na mão uma bandeja, cheia de leite.

—Desculpe minha Senhora—diz ela—mas deseja uma colher ou bebe-o assim mesmo, lambendo?

Questão de número

—Que te parece: hei-de dedicar-me a especialista de ouvidos ou de dentes?

—Dedica-te a dentista, homem.

Ouvidos só há dois e dentes são mais de trinta.

Um contraste

—Quando tomo café não posso dormir...

—Pois a mim acontece-me o contrário: quando eu durmo não posso tomar café...

BOLO-REI

O melhor e ao preço de 30\$00 é o da

PASTELARIA

BAR-VILAVERDENSE

Grande sortido de pasteis e doce fino. Serviço especial para Casamentos e Baptizados. Vinho da Região. Bolos de Anos. Aceitam-se encomendas para todo o País

Telef. n.º 7117 - P.F.

Campo da Feira

Vila Verde

Ares de Paradela do Rio

(Continuação da 1.ª página)

tria do Padre S. Bernardo, sendo ainda vivo e Abade do seu paraíso de Claraval, mandando monges seus para o habitarem, que como foram criados ao peito de Bernardo, em breve o fizeram célebre e famoso em santidade, juntamente rico de bens temporais, que a devoção dos Reis e Senhores lhe davam cada dia.»

* * *

Foi portanto a este Mosteiro de Osseira, já cisterciense, que, segundo Yepes, se uniu o de Santa Maria de Iunhas ou de Junhas, ou de Pitões—como agora é chamado do povo.

Esclarece-se que o Mosteiro de Iunhas tinha dois Priorados anexos:—um em Portugal, chamado S. Rosendo; outro na Galiza, que se dizia de S. ta Maria da Cela.

Após a sua união com Osseira, tornou-se célebre e mais

Vila Verde vai homenagear, condignamente o seu illustre Presidente da Câmara

(Continuação da 1.ª página)

administração escrupulosa, a Câmara da presidência do sr. dr. António dos Santos Ferreira, tem acarinhado de maneira exemplar o problema da instrução e o bem dos povos, construindo escolas, fontenários, lavadouros, cemitérios, etc.

Dentro das possibilidades Vila Verde distingue-se, no Distrito, pelas suas realizações. Tudo isso reconhece o concelho, que por motivo da recondução do sr. dr. António dos Santos Ferreira, decidiu prestar-lhe pública homenagem, numa dia que será designado. A comissão promotora dessa homenagem é constituída pelos srs. dr. João Gonçalves Dias, juiz de Direito; dr. Alexandre Herculano Martins da Costa, delegado de Procurador da República; dr. Francisco António Gonçalves, presidente da Comissão Municipal da U.N.; dr. Bernardo de Brito Ferreira, provedor da Misericórdia; dr. António Ribeiro Guimarães, subdelegado de Saúde; dr. Mário Lopes de Carvalho, director da Secretaria Judicial; dr. Lamartine Dias, conservador do Registo Predial; dr. Adelino Martins Aires, conservador do Registo Civil; Abel Rodrigues de Sousa Gama, chefe da Secretaria da Câmara; António Anselmo Soares, chefe da Secretaria Judicial; Nelson Cardoso Pereira, chefe da Secção de Finanças; Mário Bacelar Alves gerente do Grémio da Lavoura, e Alvaro Monteiro, tesoureiro da Fazenda Pública.

conhecido, devido a um santo Abade que teve nestas paragens barrosãs, onde era então chamado S. Gonçalvo, hoje S. Gonçalo. Era o santo Abade natural de Chaves, sendo até conhecido por Frei Gonçalo de Chaves—em ordem à sua naturalidade, visto que o seu nome próprio era Frei Gonçalo Coelho.

Tomou hábito no Mosteiro de Osseira e, em 1499, foi nomeado Abade de Iunhas. E a propósito da sua santidade vamos transcrever o que se recolheu como milagre.

No primeiro dia de Fevereiro, do ano 1501, foi o santo Abade celebrar missa ao seu Priorado anexo, a Santa Maria de Cela. Após a celebração do acto religioso, voltou para o seu Mosteiro de Iunhas. Porém, quando atingiu o alto de uma serra, começou a nevar copiosamente. O santo ajoelhou, levantando as mãos e os olhos ao céu, e expirou naquele mesmo lugar. A hora a que tudo isto sucedia, logo os sinos dos dois Mosteiros de Osseira e de Iunhas, conjuntamente, por si próprios, começaram a tanger, dando notícia da morte do santo Abade, para que desta forma se publicasse e avulmasse a sua fama de santidade e eleição.

Os monges, espantados com o toque de sinos sem qualquer impulso humano, e vendo que o seu Abade já tardava, buscaram-no por caminhos já trilhados, e foram encontrar o seu cadáver na mesma posição de êxtase em que estivera em oração. Com devota saudade e respeito, trouxeram-no para o Mosteiro de Iunhas, onde lhe deram reverência e sepultura.

Logo o povo o começou a venerar como santo. Correu veloz a sua fama de milagroso. A sua cabeça era mostrada aos romeiros.

Fala-nos deste santo Abade o Frei Jerónimo Henriques, dizendo no «Menológico» que a sua memória era festejada a 10 de Outubro, em Osseira.

(Continua)
B. Ribeiro

Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

zia ele—fazer pirraça à... Música!

Por nossa parte não achamos piada nenhuma a gracinha e até nêma ela fariamos referência se não fosse atingidos pela notícia anterior, mesmo porque não comentamos as acções de indivíduos a quem não ligamos importância pois não costumamos jogar com coisas sérias, nem ofender a memória de mortos.

Por tanto, leitor amigo desculpe toda esta massada por que o Cheque foi rebate falso.

E ao senhor do cheque aconselhamos a que, se não tem que fazer, mude de terra por que lá diz o ditado: Quem se muda Deus o ajuda. E nós lucravamos com isso por que para má lingua e piadinhas Dantescas já cá tinhamos muito; não precisamos de importar. Mas se pretende continuar aqui, ao menos, distribua o seu tempo pelas ocupações que lhe distinguem quando para cá veio, e verá que o tempo lhe não chega para se intrumeter na vida das outras pessoas, nem trocar com quem lhe dá o pão a ganhar.

Movimento Hospitalar

da Santa Casa de Misericórdia de Vila Verde, no ano de 1956

Número de doentes internados 450; Idem, Idem, Idem curados 398; Idem, Idem melhorados 50; Doentes transitados p.º 1957, 10.

Operações

Grande cirurgia 98; Pequena cirurgia 331; Tratamentos no Banco 1850; Tratamentos Fisioterápicos 529; Radiografias 34; Socorridos por urgência 140; Número de consultas 2.456; Número de curativos 18.282; Injecções ministradas 21.408; Análises clínicas 624; Outros tratamentos 1.895.

D.

-Quem foi?!-Acautelem-se...

Todos o conhecem. É nosso vizinho de todos os dias. Tem um riso afável, maneiras captivantes, um falar sonoro. É ele. Parece amigo sincero, cavalheiro íntegro. Ainda há pouco nos mimoseou com abraços mil, carradas de felicitações, afectuosos cumprimentos, as maiores provas de carinho!

Mas... mas... que diabol! —Onde está o nosso dinheiro, a honra de que disfrutávamos?!

Há cochicho à nossa volta, nota-se um mal-estar com os superiores, foram menosprezados perante os nossos amigos mais dedicados...

...Só agora temos um alcinha deprimente e popular;

enfim, alguém *minou* a nossa reputação, alguém nos torpedeou a existência, alguém procura desaparecer-nos do lugar triunfante que por mérito próprio havíamos conquistado... —Quem foi?— Quem é?...

Parece um exame de consciência colectivo o que estamos a escrever. E porque não?

Esse alguém é o mesmo das maneiras afáveis, dos cumprimentos e sorrisos, das felicitações e carinhos. É aquele que nunca seria alguém na vida sem a «muleta» que o guindou. E como teme (sim, a sua falta de senso prático e a sua inaptidão assim o encaminham...) o *tombo* (!) com o préstimo e valor real dos

Album de coisas várias

(Continuação da 6.ª página)

dia, um homem e uma mulher, algures na juventude, na juventude ardente e sequiosa, iniciaram entre mil e um desejos de promessas, de afectos, ternuras e carinhos. O homem só acredita no amor—e, talvez na verdade e responsabilidade da vida—quando, na sua sombra, se projecta a presença dum filho. E, esse filho é, então, o início duma caminhada, duma luta, duma vida que ele terá de seguir e conquistar—mas que jamais lhe pertence ou pertenceu.

* * *

Depois dos dezoito anos nada pertence ao homem que se sente inspirado para a realização do Amor. Talvez mais cedo ainda: desde que o homem se analisa como tal, e sente em si a presença das primeiras preocupações amorosas,

vizinhos, vá de «alacar» sob a capa e a aspersão de homem—joia, de próximo—muito próximo! Leiam-lhe isto e ele ficará tolhido de rubor.

Conhecem-no. Todos o viram, que de todos nós é vizinho.

—É o hipócrita, o incoerente, o maltrapilho de sentimentos; é o venenoso homem que se mascara de *são e está pôdre*, é aquele que *devemos escorraçar* do convívio social. É vizinho nosso.

Vive conosco, entre nós... —Conhecem-no?!—Acautelem-se...

Paradela do Rio, Janeiro de 1957

B. Ribeiro

que vão da curiosidade pelo sexo oposto à observação das suas tendências paternas. Desde esse momento, a este homem nada lhe pertence. Ele pode não saber—e não o sabe. Só o compreenderá definitivamente quando uma voz débil se fizer ouvir: amo-te! E só o acredita, no fogo ardente da verdade, quando uma voz mais débil ainda lhe murmurar: pai!

* * *

...E nada se compara ao amor dos pais pelos filhos. Nada. Nem o amor do homem pela mulher, nem o do irmão pelo irmão, nem o do aventureiro pela amante, nem o do amigo pelo amigo. O amor do pai pelo filho é o mais sublime, o mais bendito, o mais puro—porque é o amor destituído de interesse, de egoísmo. Em todos os outros impera sempre o interesse e o egoísmo.

Por isso, um filho é para o pai a coisa mais sagrada e única de valor.

* * *

Mas cedo os filhos se tornam juizes dos pais. E juizes implacáveis. E até que ponto pode um filho tornar-se juiz dos actos de seu pai?

Assim, em contraposição àquele momento, este é, talvez, o mais dramático e sério de toda a vida de um homem. De testemunha, o filho ergue-se como julgador de seu pai.

A todo o pai está imposto este momento também, momento terrível para os pais, e não menos terrível para os filhos.

J. M. (J.)

ALFAIATARIA "BELCORTE"

DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confeciona fatos para HOMEM, SENHORA e CRIANÇA
CORTE ESMERADO e ÓPTIMOS ACABAMENTOS

PREÇOS MÓDICOS

Não se esqueça: ALFAIATARIA "BELCORTE",

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR — AMARES

ALFAIATARIA LONDON

DE

Américo Raúl Pereira

Confecção de fatos para homem, senhora, criança e eclesiásticos, pelos melhores figurinos nacionais e estrangeiros.

Pessoal devidamente especializado

Largo D. Oliveira Salazar

Amares

Tribuna Desportiva

Campeonato Corporativo da F.N.A.T.

Casa do Povo da Feira Nova—3

Centro Recreativo Popular Realense—2

No passado domingo realizou-se a 4.ª jornada desta competição que decorreu com grande animação e que foi composta pelos seguintes jogos e resultados finais:

Feira Nova-Real-3-2; Merlim-V.A.M.-5-2 e Prado-Tadim-3-3.

Sem dúvida os resultados feitos pelo Feira Nova e pelo Tadim foram os de maior realce.

No campo de Jogos Ca-lheiros de Abreu, por acordo entre os dois clubes, o desafio efectuou-se pelas 10, 30 horas, tendo sido presenciado por regular assistência.

O vencedor alinhou: Feira Nova:—Herculano; Silva, Jaime (cap.) e Ribeiro; Dourado e Veloso; Leite, Candido, Raúl, Peixoto e Luis.

Nos primeiros 45 minutos os vencedores atacaram com ímpeto à baliza adversária, onde as perfurações constantes de Dourado, Raúl e Peixoto, eram um autêntico quebra cabeças para os defensores Realenses.

E assim, aos 10 minutos de jogo, num centro bem executado por Leite, a bola foi captada por Cândido que

rematou sem possibilidade de defesa

Volvidos 5 minutos, num contra-ataque da asa esquerda dos visitantes o interior Sardinha III apontou o golo do empate, aliás, beneficiado com a saída retardada de Herculano.

Aos 30 e 35 minutos, o resultado passou para 3-1 favorável dos visitados, mercê de dois remates certos do centro-avanzado Raúl.

No segundo período o Feira Nova inferiorizou-se com o desgaste físico e lesões em alguns elementos.

Leite principiou o desafio a extremo e a meio da primeira parte derivou para defesa onde jogou com muito acerto para na segunda ocupar novamente o posto primitivo. A falta de treino notou-se bastante.

A lesão de Jaime, defesa seguro que merece louvor pelo espírito de sacrificio durante o desafio, a distensão muscular de Silva, influíram no pouco rendimento no segundo período.

O Realense colocou-se ao ataque quase durante toda a segunda parte, onde a defesa do Feira Nova se salientou, não sofrendo qualquer tento também por infelicida-

de dos dianteiros Realenses.

Aos 20 minutos da segunda parte, Sardinha I rematou de fora da grande área dando assim o segundo golo ao seu clube, e sem possibilidade de defesa para Herculano.

Nos locais a defesa portou-se bem baixando um pouco na 2.ª parte com as lesões de Silva e Jaime—Ribeiro estreou-se bem.

Na linha média Dourado e Veloso actuam com muito acerto.

Na avançada salientaram-se Raúl e Peixoto.

Candido cumpriu e Luis abaixo do seu normal. Leite enquanto teve folgo cumpriu como já assinalamos.

O Realense continuou a atacar mas os defensores locais anularam todas as tentativas organizadas pelo quinteto dos manos Sardinhas, não se tendo alterado o resultado.

Arbitragem regular.

Nos visitantes destacaram-se os irmãos Sardinhas II, III e IV e ainda o seu extremo esquerdo.

1.º-Prado	10 pontos
2.º-Feira Nova	8 pontos
3.º-Tadim	8 pontos
4.º-Merelim	8 pontos
5.º-Real	8 pontos
6.º-V.A.M.	6 pontos

Para a 5ª jornada a realizar domingo, a Feira Nova desloca-se ao velho campo da Ponte, na cidade de Braga, para defrontar a V.A.M.

Neste pelado os nossos representantes são tradicionais em obter resultados honrosos.

Nos outros encontros para a última jornada da 1.ª

Ares de Paradela do Rio

(Continuação da 6.ª página)

Ordinis Sancti Benedicti de Barroso ad rivum Cadavum ab anno us que octocentesimo octogesimo nono, solvitur Ecclesiae Bracharensi». Traduzindo:—O Mosteiro de Santa Maria de Iunhas em terras de Barrosó, perto do Rio Cávado, da Ordem de S. Bento, paga a sua pensão à Sé de Braga desde o ano 889.

Inferre-se que o Mosteiro é anterior àquela data e que pertencia aos Beneditinos, e não a outras Ordens, como se pretendeu e ainda se defende.

Poderemos citar ainda em reforço um Breve do Papa Inocência IV, passado no ano quinto do seu pontificado—era de Cristo de 1248—no qual se lê que fora ordenado ao en-

volta, Merelim recebe a visita do Prado e o Tadim visitará o Real.

J. A.

tão Arcebispo de Braga, D. João Egas, descendente dos nobres Portocarreros e Cerveiras, «que não impedisse os Monges de S. Bento, do Mosteiro de Santa Maria de Iunhas, de poderem unir-se à Congregação de Cister, visto serem da mesma Ordem e uns e outros guardarem a mesma Regra». Este Breve foi visto no Livro do Cabido de Braga por Fr. Bernardo de Braga.

Parece no entanto que os Monges de Santa Maria de Iunhas não se uniram a qualquer mosteiro cisterciense, a não ser ao de S.ta Maria de Osseira, conforme a Crónica do insigne Yepes. Sabe-se, porém, que o Mosteiro se manteve com hábito e preta cogula. (Túnica larga de religiosos, espécie de casula) mais de 350 anos!

(Continua)

Janeiro de 1957

B. Ribeiro

ALFAIATARIA CENTRAL

DE

Américo Raúl Pereira

Confecção de fatos para homem, senhora, creança e eclesiásticos, pelos melhores figurinos nacionais e estrangeiros.

Pessoal devidamente especializado

Largo D. Gualdim Pais

Telef. p. f. 62120

Amares

Folhetim da "Tribuna Livre", 5

SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho—Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

No dia seguinte o José levantou-se mais cedo, fez a barba, tomou banho e vestiu o melhor fato, o que tinha feito na cidade...

Depois de comer uma bucha de pão de milho e de beber uns tragos de aguardente, saiu de casa a caminho da igreja com todo o seu "ripaço", visto que ainda não tinha, sequer, tocado a entrada para a missa.

Ao chegar ao adro é que o sino grande dobrou a tocar pela primeira vez!

Oh! que cedo que é!

Só daqui a meia hora é que pica e dali a principiar a missa leva outro tanto tempo.

Não faz mal.

Vou para a outra entrada do adro, acolá adiante, conversar com Manuel do Salgueiral que está lá e, assim, certifico-me, também, se a Maria Teresa ainda vem à missa da manhã, como era seu costume.

Era uma real partida que me pregava hoje se viesse à missa do dia pois, assim, obrigava-me a ouvir duas missas!

Uma era para desconto das outras que não tenho ouvido—e tantas foram a vezes que isso aconteceu!

E a pensar com os seus botões, dirigiu-se para a outra extremidade do adro e entabou conversa com o Manuel do Salgueiral:

—Bom dia, sr. Manuel, como tem passado?

—Bom dia José, como vais?

—Então como te deste lá pela tropa, rapaz?

—Dei-me bem, felizmente.

—Antes assim.

—E o sr. Manuel como vai andando?

—Trago o reumatismo aqui na perna esquerda, que me dificulta o andar.

—Isso passa com o tempo!

—Isto é o caruncho, é a idade!

—Qual quê! O sr. Manuel ainda está um rapaz novo!

—Estou... estou... já cá cantam 65 anos!

—Que metem muitos rapazes novos num chinelo!

O sr. Manuel ainda está muito conservado.

—Lá isso parece que estou; se não fosse o reumatismo, que às vezes me apoquento, ainda não me envergonhava, com uma enxada na mão, junto dos rapazes da tua idade!

—Isso sei eu!

—Então José, quando é que te casas?

—Eu sei lá, sr. Manuel!

Ainda não tenho, sequer, conversada.

—Oh! isso não faltam por aí raparigas que te serviam... e mortinhas que tu lhe dês um piscadela de olhos!

—Há, de facto, muitas raparigas, mas eu sou um pouco de má boca...

—Queres dizer na tua que nem todas te servem...

—Advinhou, sr. Manuel.

—Pois eu sei de uma, cá na freguesia, que te devia servir...

—Quem é?!

—A Maria Teresa, a filha do Francisco do Monte.

—Já deve ter namorado...

—Olha que agora, segundo ouvi dizer, não tem e essa deve estar na conta...

—Pode estar na conta para mim e não estar eu na conta para ela.

—Duvido que assim seja, pois ela não encontraria melhor rapaz do que tu, embora não devesse dizer-to!

—Obrigado, sr. Manuel.

—Ela então desde que tu foste para a tropa, lá para essas Lisboas tornou-se uma perfeita raparigaça e bonita!

—Ela já não era feia...

—Lá isso não, não; mas agora está de três assobios!

—Ainda não a vi, desde que cheguei.

—Pois então faz-te encontrado com ela e não deves perder o teu tempo—e antes que seja tarde, não vá outro primeiro e fiques tu a veres navios no Alto de Santa Catarina, como deves ter visto muitos lá na cidade onde estiveste!

MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

cavaleiros da tavola redonda.....

Mem Rodrigues de Vasconcelos, usando da confiança que lhe dava o seu valimento, não deixou que o rei ficasse sem resposta:

—«*Senhor, não fizeram aqui mingua os cavaleiros da tavola redonda..... mas faz-nos falta o bom rei Artur flor de lis, senhor deles, que conhecia os bons servidores fazendo-lhes muitas mercês, porque haviam desejo de o bem servir.*»

Reconheceu D. João I que a sua queixa havia provocado ressentimento e corrigiu:

—«*Nem eu esse (o rei Artur) nao tirava fora, ca assim era companheiro.....*»

Era o velho e prudente ancião Gonçalo Mendes de Vasconcelos do conselho da rainha D. Filipa de Lencastre; e, dispondo-se D. João I auxiliar o duque seu sogro, consoante era dos tratados, ao despedir-se da jovem esposa em Coimbra, aquele mesmo fidalgo observou-lhe como em sabor, segundo a expressão do cronista:

—«*Senhor, neste reino soia de haver um costume de antigos tempos, que o homem no ano que casava, não havia de ir em guerra nem ser constrangido pera ela, e vós que há tão pouco tempo que casaste, o quereis agora britar e vos ir fora do reino?*»

A sensibilidade de coração de pai fazia-lhe pressentir o duro golpe que o esperava, de ver sucumbir naquela caminhada por terras de Castela o destemido Rui Mendes seu filho, que então comandava uma das alas de batalha.

Desprezando as feridas e desafiando a morte, saiu certo dia do acampamento com outros arrojados companheiros, a bater-se com os Castelhanos sem outras arma nem corregimento senão os escudos nos braços e os remessões nas mãos e voltou com uma ferida num braço, de que pouco caso fazia.

Mostrou-lhes D. João I o risco que corriam em sair desarmados a escaramuçar, porém, Rui Mendes respondeu-lhe:

—«*Não cureis, Senhor, que a tal tempo (de calma) não cumpre de outra guisa.*»

E, levantado a lança com o braço ferido exclamou: —«*A lá fé eu sou Rodrigo, que tão bem las faço como las digo.*»

Sem desistirem daquelas empresas temerárias certo dia que se encontravam em Vilhalpando, Rui Mendes de Vasconcelos aproveitou para correr com outros a Castro Verde; e, de uma rija escaramuça que se travou, deram-lhe com um virotão uma pequena ferida por cima do mangote, à altura do ombro.

Sem fazer caso, como era seu costume, trouxe-o pendurado até chegar à tenda e desarmar-se; e só então disse:

—«*Por certo eu estou ferido de erva.*»

Teimando os companheiros que não e ele que sim, avisaram D. João I, que logo compareceu muito pesaroso, esforçando-se por dissuadi-lo de semelhante sugestão

—«*Senhor, eu ouvi dizer, exclamou Rui Mendes, que aquele que ferem com erva, que lhe formegejam os beiços e a mim parece que quantas formigas no mundo há, que todas as tenho em eles.*»

—«*Pois assim é, disse el-rei, bebei logo da ourina, que é muito proveitosa para isto.*»

Rui Mendes declarou que por coisa nenhuma do mundo beberia; mas D. João I, tal era o imenso desejo que tinha da sua saúde, para lhe mostrar que não havia motivo de nojo «*gostou a ourina*» dizendo-lhe:

—«*E como não bebereis vós do que eu bebo?*»

Por mais que insistissem que bebesse, nunca o fez.

D. João I vinha visitá-lo e encorajá-lo muitas vezes ao dia; ao terceiro, que el-rei procurava confortá-lo com palavras de subido aprêço, ele disse:

—«*Senhor, eu vos tenho em grande mercê vossas palavras e vesitação mas entendo que em mim não há senão morte, porque onde eu devia jolgar com vossa fala e bom esforço, eu não meanojo menos ca se vós fosseis um homem a que eu bem não quisesse.*»

D. João I voltou as costas, para não se lhe verem os olhos arrasados de lágrimas e retirou-se da tenda, dizendo que muito mau sinal de vida era o que acabava de ouvir a Rui Mendes.

Com efeito, nequele mesmo dia teve o seu acabamento.

El-rei e o duque de Lencastre prantearam o seu desaparecimento; a tristeza e o luto caíram sobre o acampamento, com a morte de um dos seus mais valentes capitães:

Continua no próximo número

Tribuna de Vila Verde

Está definitivamente marcado o terreno

para a construção do edificio

para séde da Sociedade de Educação e Recreio do concelho de Vila Verde

Graças à boa vontade da nossa Idilidade e mormente do seu Presidente Ex. mo Snr. Dr. António dos Santos Ferreira, estamos aptos a levar a cabo uma obra grandiosa, que não é só para a música—como pretendem os mal intencionados—mas sim para tudo que fôr educação e recreio, nas bases da doutrina Cristã.

A fim de colher elementos para elaborar o projecto do referido edificio, esteve nesta vila o Ex. mo Arquitecto Francisco Augusto, um dos amigos da Banda, que prometeu enviarnos o projecto com brevidade, a fim de darmos início às obras.

Informam-nos que, as comissões escolhidas para angariação de fundos para a construção da Séde da Sociedade de Educação e Recreio, já se avistaram com a comissão Central, para combinarem o dia da entrega dos produtos angariados que tem ultrapassado a expectativa inicial.

E a propósito de dádivas, para a séde da Sociedade de Educação e Recreio, dissemos na nossa última correspondência, constar que um amigo da Ban-

da tinha oferecido um cheque de mais de uma dezena de contos, e que não citavamos o nome de tamanho amigo pela ra-

Album de coisas várias

Não há, possivelmente, na história da vida de um homem—na sua história feita de espírito e de amor, limitada pelas ansiedades da alma e plenitudes do coração—momento que se compare, em felicidade e alegria, àquela em que vê com os olhos irradiantes de contentamento e acaricia com mãos mais corinthosas do que nunca o primeiro filho que Deus lhe dê como testemunho dum amor glorificado. O homem cresce, enobrece-se—sentê-se crescer e enobrecer perante a pequenez dum ser que o faz ajoelhar e curvar-se na mais humana e bela das orações—a oração do amor que se realiza e se prolonga na existência. Um filho

zão de o não conhecermos, o que faríamos neste número.

Promêtemos e não faltamos. Cá estamos para pôr os mesmos leitores ao corrente do que se passou, e ao que chega a cequeira dos homens.

Afinal o cheque era da Assistência Pública e destinava-se ao Concelho de Vila Verde para amnizar a miséria dos muitos pobres que, graças a Deus, já foram contemplados com bacalhau e batatas.

No entanto, houve alguém que parece não ter que fazer, que gozou com o cheque da Assistência, e o brandiu com toda a jocosidade, só para—di-

(Continua na 4.ª página)

é a imagem mais bela, mais querida, mais ditosa, no romance de amor que, um

(Continua na 4.ª página)

A triste figura de quem nunca a soube fazer melhor

Há cerca de 10 anos que o F. C. de Amares possui umas instalações sonoras para, com o seu produto, pagar a dívida da aquisição do seu campo de jogos e garantir a actividade desportiva.

Por se tratar de uma agremiação de interesse geral era compromisso de todos não comprar outras para exploração particular.

Durante cerca de 5 anos as instalações estiveram mais ou menos sob o domínio do Sr. António Dias Paredes, verificando-se na exploração um lucro insignificante ou nulo.

Por este facto pensaram em vendê-las mas apareceu uma comissão decidida a administrá-las, dando todas as garantias de seriedade.

Esta semana deu-se a transferência de poderes e logo o Paredes, que tanto se queixava que aquilo nada dava e tanto insistia pela sua venda, comprou umas, indo contra todos os compromissos e interesses da terra.

Habitado a actos deste género mais uma vez aparece na posição de vendilhão com o agravante de se poder gabar, como nos consta de que enquanto a administração camarária tiver a actual direcção ser-lhe-ão dadas deferências.

Para já não acreditamos mas a verdade, infelizmente, é de que conseguiu o registo das suas instalações sem as características coisa de que ainda ninguém se gabou.

A Câmara que outrora cancelou todas as licenças para favorecer o F. C. de Amares, cancela hoje a lei para favorecer um indivíduo que merece a repulsa geral e nunca mereceu a admiração de ninguém? É duro demais para ser acreditado.

As pessoas que precisarem de instalações sonoras devem dirigir-se ao encarregado da Sonap ou ao Sr. António Baptista Macedo Fernandes.

Fui beber a fonte limpa. Na «*Beneditina Lusitana*» o Monge e Padre Mestre Frei Leão de S. Tomás, dá-nos preciosa informação.

O Mosteiro, que o povo diz de Pitões, não foi fundado com esse nome, mas sim de *Santa Maria de Junhas*—que o povo pronuncia Junhas.

Não distante do Rio Cávado, este Mosteiro é antiquíssimo, pois, lê-se no «*Tombo Eclesiástico dos Mosteiros e Igrejas do Arcebispado de Braga*» o seguinte:—«*De Villa de Remecos in terrae Sanctae Mariae de Junhas Monasterium* (Continua na 5.ª página)

ARES PARADELA DO RIO

Do velho Mosteiro de Pitões—anterior a 889

Pois é verdade. Quis Deus que a minha humilde colaboração em «*A Voz de Trás-os-Montes*» fosse levantar sentimentos em terras do Brasil.

Assim, estando eu entregue à faina diária, foi posta na minha mesa de trabalho uma carta com remetente de S. Paulo e «*par avion*». Duvidei, que eu não tenho—pelo menos que se saiba—parentes ou amizades naquelas terras.

Firmava-a um ilustre barro-são, há muito residente no Brasil. Era de um baírrista saudoso e benemérito. Vinha assim ao meu encontro para felicitar e encorajar. Era o Sr. Heitor Ernesto de Castro—homem de sentimentos nobres e de arraigado amor ao berço Natal—que pedia licença (!) para se apresentar, para matar saudades, para solicitar que lhe fale muito da sua terra... não só na Imprensa mas também em correspondência proveitosa e regular. Nasceu aqui perto, numa povoação chamada Pitões. E por isso apressou-se em me falar num antiquíssimo Mosteiro que existe na sua terra. Queria que o visse e dele lhe falasse.

—Mas quê?! É lá possível ter havido gosto fradesco em

escolher uma região agreste, isolada e adusta, para fundar um Mosteiro?...

Peguei em mim e fui lá. É que esta informação interessava-me. No meu tempo de estudante com horários, número, banca e bata, apanhei uma doença benéfica (...) que me impele para o estudo destas coisas. Devo-a a um distinto Professor e cultor das Artes e das Letras, que é hoje um prestigioso ornamento do Cabido Bracarense. Os leitores conhecem-no. É o Sr. Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, a quem peço licença para render o meu eterno reconhecimento.

Perdido no meio daquelas ruínas, indaguei o mais que pude. Mas sentindo-me «*despido*» naquele local onde há onze séculos os monges cantaram louvores a Deus. Falei a quantos velhos me apareceram. Só recolhi disparates. Tentei recolher informes junto dos arquivos paroquiais. Mas... nada. Assustou-me ainda o desacordo entre o clero no respeitante à Ordem Religiosa que teria fundado aquela reliquia veneranda. Nada de concreto nem plausível.